

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSCARTOGRAFIA NEM

CONSIDERATIONS ABOUT THE TRANSCARTOGRAFIA NEM

Mari Scarambone Jayanetti

Uerj, Brasil

mariscarambone@gmail.com

Aldo Victorio Filho

Uerj, Brasil

avictorio@gmail.com

Edivan Carneiro de Almeida

Uerj, Brasil

edivan.ichu@gmail.com

Linha 1: Imagem, cultura e produção de sentido.

Resumo: Este artigo tem por objetivo delinear o processo de construção da Transcartografia Nem, uma narrativa visual de encontros realizados por/com/entre corpos *Queer/Cuir/transvestigêneres*, durante o período de 2014 à 2018; na Casa Nem no centro do Rio de Janeiro, entre os anos de 2016 a 2018, destinada ao acolhimento e a formação de pessoas trans visando sua inserção profissional, política e sociocultural. O trabalho versa sobre a produção de narrativas visuais ali realizadas por meio de registros fotográficos e audiovisuais, relacionando essas imagens às questões da *autopoiesis*, ou processos de construção identitárias autônomas, individuais e coletiva. Produções aqui pensadas em diálogo com os estudos sobre a invenção do cotidiano de Michel de Certeau, da função do discurso enquanto dispositivo de subjetivação de Foucault, do conceito de estética relacional de Nicolas Bourriaud e os entendimentos de gênero e identidade *queer* relacionados ao conceito de precariedade de Judith Butler. A cartografia resultante da dinâmica dos corpos trans/cuir que frequentaram a Casa Nem é ação política que se realiza entre a arte e transformações sociocomunitárias, quando as imagens e visualidades artísticas, seus processos de criação, recepção, circulação e produção de sentido têm se tornado instrumentos vitais para organização e afirmação de certos coletivos. Considerada a potência política dos registros visuais e, sobretudo, interessados nas potências corpóreas, este trabalho destaca a cartografia de corpos que ousam questionar/transgredir as imposições normativas binárias de gênero se predispondo, portanto, a transitar livre e poeticamente entre as estruturas ‘homem’ e ‘mulher’ que nos são dadas politicamente como naturais.

Palavras-chave:

Estética Relacional. Cotidianos. Cartografia. Construção-de-si. Gênero. Identidade. Trans.

Abstract: This article aims to outline the process of construction of *Transcartography Nem*, a visual narrative of meetings performed by/with/between *Queer/Cuir/transvestigêneres* people, during the period from 2014 to 2018; which resulted in the creation of the Casa Nem a house located in the Rat's Alley, in Rio de Janeiro's center city, between 2016 and 2018, planned to host and train trans people, aiming at their professional, political and socio-

cultural insertion. This work alludes the production of visual narratives made with photographics and audiovisual records, relating these images to the questions of individuation in autonomous, individual and collective identity construction processes; and dialoguing with the studies on Michel de Certeau's practise of everyday life, the function of discourse as Foucault's idea of a dispositif of subjectivity, the concept of relational aesthetics of Nicolas Bourriaud, and the understandings of gender and queer identity related to the concept of precariousness of Judith Butler. The cartography of trans/queer bodies that got along with the project *Casa Nem* is a political gesture that takes place in the relation between art and socio-political transformations, in which artistic images and visualities, their processes of creation, reception, circulation and production of meaning, articulated with culture have become vital instruments for the reorganization of society. Thinking about the political power of visual archives and, above all, interested in physical subjects, the text is a bet on what can lead to the development of a cartography of bodies that dare to question / transgress the imposed binary norms of gender and are predisposed to transit between these structures 'man' and 'woman' that we are given politically as natural.

Keywords: Relational Aesthetics. Everyday Life. Cartography. Identity. Gender. Identity. Trans.

Este trabalho resulta de pesquisa de doutorado que investiga as potências dos encontros com corpos *trans*¹ em um espaço alternativo de acolhimento e capacitação para pessoas LGBTIs em vulnerabilidade social, a Casa Nem. Por meio de conexões conceituais oferece a narrativa visual, a *Transcartografia Nem*², como tentativa de registro em imagens visuais somadas as narrativas discursivas dos encontros, alianças, experiências de resiliência, momentos feéricos e sobretudo, ensaios e efetivações de resistência frente às adversidades enfrentadas pela iniciativa do referido espaço. Esta pesquisa vem sendo realizada em uma trajetória sensível aos acontecimentos do campo investigado, assumindo curvas, digressões e acréscimos de acordo com a rebeldia do cotidiano da investigação. Inicialmente planejada como uma cartografia centrada na potência do encontro de uma das autoras do artigo com corpos Trans meio a espaços sociais entendidos como dispositivos de subjetivação, como a universidade e a Casa Nem, foi sendo ampliada na medida em que as experiências empíricas remeteram à literatura, poesia, filosofia e textos religiosos entendidos como aspectos relevantes para o tema tratado e facilitadores da apreensão de aspectos diversos do campo e

¹ Optamos pelo termo *trans* em abreviatura aos conceitos *Queer/Cuir/transvestigêneres*, uma vez que a intenção do termo queer é incomodar, mas soa suave aos ouvidos latinos, foi adaptado para *Cuir* nos espaços universitários e transvestigêneres por Indianare Alves Siqueira, criadora do projeto *Casa Nem* e *Prepara Nem*, para designar todos os corpos que se pensam para além de vestimentas, gênero ou raça, como contraponto ao termo queer.

² Disponível em: <<https://transcartografias.blogspot.com/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

necessários à sua elucidação. Buscamos refletir sobre a potência estética e política decorrente do surgimento da *Casa Nem* (após o carnaval de 2016), um espaço alternativo que nasceu diante da urgência de acolhimento, formação e empoderamento de pessoas trans em situação de vulnerabilidade, no centro da cidade do Rio de Janeiro.



Freixo e Suplicy na Casa Nem, defendendo política LGBTI. Outubro de 2016.

Uma casa na qual se acolhe e se busca melhores condições para a existência de seus abrigados. Entre as atividades promovidas, muitos desdobramentos artísticos foram desencadeados pondo em cena o corpo trans como um contraponto ao “sujeito isolado” (VALLE, 2014), aprisionado em uma subjetividade anônima, duplamente isolado: em relação ao outro, mas especialmente em relação a si mesmo, por ter tido negado o direito à legitimação e reconhecimento da sua autoconstituição e de suas fabulações identitárias.

Na produção da *Transcartografia Nem*, nos inspiramos nos conceitos de *pathosformel* em que Aby Warburg trata das tensões energéticas da imagem que

anima a história e da *imagem do trapeiro* em Walter Benjamin (GUERREIRO, 2012), tendo como método a *montagem*, utilizado por ambos: em Aby Warburg a *montagem* é feita a partir de imagens e em Benjamin a partir de citações. Warburg coloca a *montagem* (imagem dialética) como potência para resgatar as histórias que não foram contadas: as *histórias dos subjugados*, uma vez que, normalmente, são os corpos privilegiados (dentro de um recorte de família, estado, religião) que são retratados, além de que, na concepção de história desse autor, o passado nunca é um tempo concluído, está a emergir constantemente no presente sem que este o possa dominar.

Ressaltamos também, a importância de pensar o surgimento da *Casa Nem* como uma necessária *heterotopia* (FOUCAULT, 2009), pois a sociedade, através de processos civilizatórios, comanda os modos de construção e administração de lugares reais, mas não consegue evitar a criação de lugares heterotópicos. Foucault aponta que enquanto as *utopias* se configuram como espaços não existentes, em que investimos nossas expectativas individuais e coletivas, as *heterotopias* surgem como uma produção desenvolvida a partir de pontos de fugas e são um reflexo de um momento de vislumbre que surge na sociedade em um dado momento, positivo ou negativo. Como exemplos de *heterotopia* Foucault cita o asilo, o cemitério, o navio, o jardim, a lua-de-mel, a escola interna e o balneário de férias, dentre outros). São espaços que surgem em respostas a necessidades das sociedades, às situações limítrofes, corpos interditos etc., tal como acontece em vários aspectos da *Casa Nem*. Contudo, tais lugares, por mais que sejam alvo da sempre à espreita disciplina institucional, têm seu funcionamento sempre afetado pela rebeldia do cotidiano, pelas operações de caça e demais ações de seus praticantes (CERTEAU, 1994).

Mas também podemos relacionar esse espaço a um *corpo utópico* que conecta os corpos trans que nele habitam produzindo um certo ideal de corpo, ligado à ideia de perfeição, a um ideal fantasioso e não realizável, mas, que oferece a permanente oportunidade da criação poética de si. Entre significações diversas se destaca o jogo do “corpo incompreensível, do corpo penetrável e opaco, do corpo aberto e fechado: o corpo utópico” (FOUCAULT, 2013, p.10). Cogitar a *Casa Nem* como um *corpo utópico* é, também, uma forma poética de denunciar o boicote

à sua configuração enquanto espaço *heterotópico* permanente, sinalizando a inevitável projeção à morte do espaço-corpo-utópico que, até muito pouco tempo atrás, era considerado interdito: destino imposto a todo corpo que questiona e se recusa a seguir padrões normativos e sua contínua luta pelo direito de existir, pessoal e socialmente.



Oficina *Construindo Sonhos*, com meninos da *Casa Nem*, no Laurindas, agosto/2016.

A *Transcartografia* produzida foi também inspirada nos conceitos de *imagem dialética* e *história como montagem* proposto por Walter Benjamin em combinação com os estudos dos *cotidianos* em Michel de Certeau, ao apresentar registros imagéticos de encontros ocorridos na *Casa Nem* que levam a pensar sobre a performatividade nas diversas práticas/experiências e discursos que nela se desenvolvem e sua relação com a produção das identidades *transgênero*, apresentando diferentes subjetividades em ação, suscitando reflexões e emoções, fazendo-nos perceber o lado construído/artificial e nada natural do gênero.

Os corpos trans questionam normas sociais, transgridem códigos impostos como naturais e comprovam que os gêneros são socialmente construídos, como argumenta a filósofa Judith Butler (2010) que também investiga as vidas passíveis

de eliminação e extermínio, denominadas de vidas precárias (BUTLER, 2011). A autora propõe o ser enquanto sujeito captável pelas esferas política, social e ética, e que a hierarquia de apreensão do outro (aceitação, inteligibilidade e reconhecimento) depende de um conjunto de normas expostas pela ordem social e política dominante, argumentação em diálogo com o pensamento foucaultiano a respeito dos micropoderes e das tecnologias disciplinares (instituições religiosas, escolas, discursos ou dispositivos jurídicos).

Outro oportuno conceito que permeia nossas reflexões é o de estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009a), cuja nervura é o diálogo com o outro via as potencialidades do cotidiano e do ordinário, não produzindo objetos, mas sim acontecimentos, por sua vez, cartografias invisíveis, mas, efetivas das interações existenciais, solidárias e resilientes. São nessas trocas, nessas relações, que a estética relacional se funda e afirma a sua lógica. A arte atravessa, como irredutível instauração poética, esse mapa dinâmico de relações configurado na visibilidade e nas visualidades dos corpos *trans* em luta pela partilha e participação societal.

O acontecimento estético advém, nesse contexto, da vida na sua banalidade, quando viver é a inevitável desafiadora negociação constante com o outro. Desse modo, percebemos o surgimento da *Casa Nem* como uma das incontornáveis respostas às transfobias³ sofridas por transvestigêneres no Brasil (e no mundo afora).

O projeto *Prepara Nem* consistia em um curso pré-vestibular para *alunes*⁴ *trans*, buscando uma nova forma de *ensinoaprendizagem*, na qual os afetos seriam parte fundamental do processo pedagógico. Os grupos de professores (de diferentes instituições cariocas) se reuniam (e ainda o fazem) para desenvolver e experimentar novos modos de ensinar e motivar as *alunes*, considerando que a escola ali pensada era marcada pelas condições de radical exclusão das discentes. Com a intenção de produzir maior visibilidade para o projeto, o grupo se encontrava a cada dia da semana em um espaço diferente da cidade do Rio de Janeiro: no

³ Especialmente, a agressão sofrida por uma das participantes do *Projeto Prepara Nem*, em uma festa pré-carnaval (2016), desencadeando a ocupação política (BARBOSA, 2018) do espaço *Casa Nuvem*, prédio que funcionava como uma *co-working*, cujo aluguel era dividido entre 27 pessoas, passando a ser pago por [Indianare Alves Siqueira](#), ativista trans pelos direitos de pessoas com HIV, prostitutas e LGBTIs, encarando vários desafios operacionais para a legalização de seu uso.

⁴ Termo usado por Indianare para marcar politicamente uma identificação não binária de gênero.

Sindicato dos Jornalistas, na sede do Grupo Pela Vidda, no Sindicato dos Petroleiros, na Casa 24 e na Casa Nuvem, espaço de encontro artístico e cultural, localizado na Lapa.



Grupo *Prepara Nem*, professores e alunes, 2015.

Não tendo patrocinadores, mas apenas uma rede de afetos composta por professores, artistas, produtores, DJs, psicólogos, etc. que doavam o que podiam, durante os primeiros meses, entre controvérsias, disputas e tensões, a *Casa Nem* conseguiu se manter, pagando o alto aluguel de um antigo prédio, mal conservado e em condições precárias. Posteriormente, outros recursos foram alcançados por meio da realização de festas promovidas com a parceria de amigos, DJs e produtores.

No processo de criação e desenvolvimento da *Casa Nem* a autora deste trabalho e artista Mariana Scarambone se dedicou à sua gestão, segundo o conceito de estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009a), transformando a sua presença de fluxo/registro em objeto/história. Utilizando sua experiência como parte de uma pesquisa de mestrado sobre a potência dos corpos *Trans/Cuir*, a artista produz uma *Cartografia Audiovisual* dos corpos que habitavam o espaço da *Casa*, produzindo registros não apenas pessoais, mas também de obras de arte/literatura relacionadas a ele, além de produções de diferentes artistas e pesquisadores que por ali passaram.



Festa Cisheterofobia existe! 1º Abril 2016. Casa Nem.

De acordo com Bourriaud (2009, p. 151), a estética relacional é um “conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas e seu contexto social, em vez de um espaço autônomo e privativo”, não necessariamente obras de arte convencionais, imagem ou texto, mas produções que contenham um acúmulo de memórias, de afetos e experiências, um acúmulo de possibilidades. Portanto, material intangível, mas efetivo para, além do feito, futuras realizações poético-existenciais, políticas e sociais.

Produções de/sobre um real que necessita “ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2009, p. 58), as imagens criadas pelos/com os *praticantes dos cotidianos* (Certeau, 2012) da *Casa Nem* e cartografadas na pesquisa relatada neste trabalho, registraram especialmente a potência das festas ali realizadas, integrando pessoas e gerando afetos e fortalecendo alianças positivas à causa trans. A ocupação de um espaço de grande visibilidade, no centro histórico do Rio, foi a base das relações fundadas na presença, favorecendo a deflagração de diversos projetos.



Projetos *Cozinha Nem* e *Alimenta Nem*, 2016-2017.

O *Cozinha Nem*, por exemplo, foi um projeto desenvolvido pela chef trans Mell Brígida, que vendia refeições veganas, infelizmente, interrompido devido aos problemas de infraestrutura da cozinha. Mell também realizou um curso de empreendedorismo da ONG *Micro Rainbow Internal Foundation* e abriu um negócio próprio, o *Pães de Mell*. Durante o projeto *Cozinha Nem*, a Casa Nem recebia doações de legumes e verduras do grupo *Gastromotiva* (projeto de gastronomia social, que surgiu em 2016, na Lapa) o que permitia preparar alimentação para os moradores de rua da região, projeto apelidado de *Alimenta Nem*.

O *Costura Nem* foi outro projeto desenvolvido com um curso de corte, modelagem e costura, iniciado pela poeta e rapper feminista Lidi de Oliveira, criadora da cooperativa *Tijeras*⁵, com auxílio de Helena Tyrrel, modelista criadora da marca *Panupanu*, que, para além das aulas de corte e costura, produziram vários desfiles de lançamento de suas coleções com modelos trans. Um desses eventos resultou no filme *Arremate*⁶ e possibilitou a Evelyn Gutierrez e Ludmilla Ferraz (meninas trans que moravam na casa e participaram das oficinas de costura) serem contempladas em um edital, com um *Projeto Capacita Trans*, da Prefeitura do Rio de Janeiro, o que permitiu implantar uma pequena oficina de costura na Casa Nem, em novembro de 2016. Os produtos fabricados nas oficinas eram vendidos durante as festas e eventos que aconteciam na Casa.

⁵ Disponível em: <<http://umacameranamao.strikingly.com/blog/arremate>> Acesso em: 04 jun. 2019.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pTN8U38Yo1M>>. Acesso em: 04 jun. 2019.



Projeto Costura Nem e Primeiro Desfile na Casa Nem, 2016.

Depois das olimpíadas (2016), com as festas acontecendo, a *Casa Nem* parecia consolidar-se enquanto uma *heterotopia*. Entretanto, quando Indianare Siqueira lançou sua candidatura à vereança da cidade do Rio de Janeiro, em Setembro de 2016, a *Casa Nem* passou a ser alvo de uma campanha difamatória por parte da então fiadora do espaço, que exigia a imediata retirada de sua responsabilidade pelo contrato de aluguel do espaço. Esse fato provocou prejuízos à candidatura de Indianara, provocando a perda de votos, mas não a impediu de ocupar a posição de terceira vereadora suplente, com 6.166 votos. Esse processo, aliado aos atrasos nos pagamentos de professores, acentuado pela crise econômica generalizada no país, contribuiu para o esvaziamento das festas, das quais captava-se parte significativa dos recursos para pagar o aluguel da *Casa*, diminuindo a capacidade de auto sustentabilidade do projeto.

A *Casa Nem* era diferente das demais casas de acolhimento por ser mais similar a um lar familiar do que a um abrigo, na medida em que era um espaço onde a consciência se desenvolvia por meio do afeto e da autoconfiança. Propiciava o sentimento de pertencimento que, na maioria das vezes, é negado desde a adolescência e infância a parte significativa das pessoas trans e LGBTIs. A casa, para quem frequentava, como representada pela autora deste trabalho, “era como um casulo, um ninho, pois foi nele que percebi minha cegueira emocional, a incapacidade de contrariar a quem mais amava, mesmo isso custando a anulação de uma importante parte da minha identidade”.

A criação de uma cartografia afetiva, com a produção de narrativas visuais de corpos historicizados que ousaram transitar entre os gêneros, juntamente com as múltiplas memórias das experiências vividas na *Casa Nem* decorreu também no trabalho de curadoria que buscou criar uma história através de coleções de fragmentos e resquícios de memórias enredadas às suas próprias percepções e experiências em um espaço comum. Rede de relatos estéticos e poéticos que, para além do registro de uma manifestação histórica, configura uma cartografia de *transvestigenereidade*⁷.

A *Casa Nem*, espaço habitado por diferentes sujeitos vinculados por experiências diversas, constitui-se como *heterotópico* por ser um

[...] espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo. (FOUCAULT, 2009, p. 414).

Para o autor, a principal problemática da questão do lugar, em termos de demografia, mais do que saber se haverá espaço para todos, é controlar “como funcionam as relações de vizinhança, que tipo de armazenamento, de circulação, de identificação e de classificação de elementos humanos para obtenção de um dado fim” (FOUCAULT, 2009, p. 415). Apesar das diferentes sociedades, através de processos civilizatórios, comandarem os modos de construção e administração de lugares reais, elas não conseguem evitar a criação desses espaços diferentes, desses outros lugares que funcionam como uma espécie de contestação, simultaneamente mítica e real, do espaço em que vivemos.

Diferentemente das *utopias*, em que se configuram como espaços não existentes, em que investimos nossas expectativas individuais e coletivas, as *heterotopias* surgem como uma produção desenvolvida a partir de pontos de fugas e são um reflexo de um momento de vislumbre que surge na sociedade, em um

⁷ Termo cunhado por Indianare, contrapondo ao termo inglês Queer (abrasileirado para Cuir), para designar corpos para além de vestimentas, gênero ou raça.

dado momento, positivo ou negativo, se oferecendo a nós sob a forma de contra posicionamentos (FOUCAULT, 2009, p. 415).



Evento de Lançamento do Livro Lugar de Fala, Casa Nem, 2018.

A possibilidade de convívio em ambiente coletivo permite à comunidade trans aprofundar seus conhecimentos e redes de afetos e unir-se de forma simbólica, prática e afetiva. Por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdos simbólico-afetivos, permite aos sujeitos se sentirem pertencentes aos universos particulares daqueles espaços e se apropriarem de experiências e conteúdos pertinentes à realidade da comunidade transvestígênera. Em um de seus discursos durante o evento de lançamento do livro “O que é Lugar de Fala”, da filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro, Indianare relacionou a *Casa Nem* a um quilombo urbano contemporâneo, partindo da observação de que os corpos que ocupam esse espaço são, em sua maioria, de pessoas trans negras. Observando o Decreto 4.887/2003, que regulamenta a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, sobre os critérios de autodefinição identitária, o artigo 3º deste Decreto afirma que “a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade”.



Atos pelo dia da Visibilidade Trans, janeiro de 2016 e 2017.

Vale ressaltar que o critério de autodefinição é de grande importância na identificação das comunidades, sendo que a reflexão da experiência dos atores sociais adquire toda sua significação, cabendo aos sujeitos se autodefinirem e não ao estado, em consonância com suas verdades, afetos e sentidos que formulam frente às adversidades, aos processos excludentes e aos preconceitos dos quais são alvo e vítimas, muitas vezes fatais. O conceito de Quilombo urbano ressalta, também, a luta contra o estigma da invisibilidade, fruto de um passado onde era necessário esconder-se para continuar existindo, mas que atualmente busca através da visibilidade, reivindicar seus direitos sociais e político.

Além disso, por semelhanças entre os habitantes da Casa Nem e moradores ilustres do Beco do Rato, onde a casa se instalou, figuras históricas e ativistas, relacionamos as experiências vividas na Casa às narrativas audiovisuais como Chiquinha Gonzaga (1847-1935) e Madame Satã (1900-1976). Feminista, pioneira na história cultural brasileira, Chiquinha enfrentou a sociedade opressora e patriarcal da passagem do século XIX ao XX, exercendo a profissão de compositora popular, instrumentista e maestrina. A sonoridade das canções de Chiquinha funde-se às imagens e histórias de Madame Satã, notória representante das “bichas das classes baixas que circulavam no centro do Rio de Janeiro boêmio das décadas de 1930-1940” (TOPOI, 2003, p. 204), cujas maneiras pelas quais delineou sua identidade e forjou os mitos que cercaram sua própria persona, era fruto de comportamento transgressivo que, afirmando a efeminação, desconcertava os estereótipos sociais de sua época. Em plena Lapa, nas imediações do Beco do

Rato, a *Casa Nem* figurou como mais um espaço privilegiado de manifestação da insubordinação negra e demais grupos estigmatizados, como forma de sobrevivência e luta contra a escravidão.

Através de seus eventos, a *Casa Nem* criou um espaço estético relacional que possibilitou o contato entre diferentes processos de autoconhecimento, assim como propiciou o desenvolvimento da capacidade de afetar e de ser afetada, de experimentar adentrar outros modos de viver, de coexistir superando os desafios da alteridade. O advento da *Casa*, mais que a locação comunitária de um espaço físico, implicou na realização de arquiteturas existenciais nas quais o individual e o coletivo se intercambiavam em ecologia própria e inédita. Tal poética do espaço (BACHELARD, 1993) possibilitava a oportunidade de pensar ações estéticas relacionais via encontros, atividades, eventos e festas, panorama que equilibrava as marcas dos regimes diurnos e noturnos, como afirmaria Durand.



Indianare Siqueira recebendo o prêmio *Chico Mendes* pela *Casa Nem*, 2017.

Essas afirmações não poderiam ser compreendidas, meramente, pela estética que ocorre no registro do cotidiano e que, somente, se transforma em obra após sua conversão no circuito arte-registro-arquivo, mas por meio da relação entre *trans-corpos-utópicos* e pessoas das mais variadas profissões, ocupações e

posições sócio-política-culturais. Encontros promovidos, ocorridos e possibilitados nos acontecimentos e experiências vividas na *Casa*.

Encontros de corpos que ousam a diferença na agudeza de um panorama social no qual muitos indivíduos exploram-se uns aos outros, embriagados pela ilusão da realização individual, ao mesmo tempo em que são dominados pelo pavor do outro, do diferente, do monstro que precisa ser apontado sob o risco de evidenciar a monstruosidade dos bem sucedidos. Vivendo no deserto ou no inferno do igual, onde a hipervisibilidade, a superexibição pública, o ser observado/visto se tornou um aspecto central dos modos de ser no mundo.

Diante da desafiadora diferença que nos constitui, une e afasta, é inevitável refletir sobre os ditames que conduzem a memória urbana, individual e coletiva, e como ela é constituída nas redes de subjetividade, construída/destruída na experiência de um grupo caracterizado pela vulnerabilidade social e econômica de seus integrantes, alijados violentamente das condições propiciadoras de uma vida digna, como a escolaridade, o trabalho, o afeto familiar, o respeito e a proteção social. A produção das narrativas visuais realizadas, que provocaram nossas reflexões neste trabalho, se orientam pelo conceito benjaminiano de imagem que pensa o sujeito, a experiência e a rememoração da cidade num contexto de desenraizamento e vulnerabilidade econômica e social: a narrativa do trapeiro, a da porosidade e a do rastro.

Não há mais contra quem direcionar a revolução, a repressão não vem mais dos outros. É a alienação de si mesmo. Um espaço que conta uma história sobre relacionamentos que escolhemos, apenas para expor, em algum lugar da narrativa, a maneira como estamos presos e inacabados neles mesmos. Um espaço onde exercemos os direitos (atuamos) sobre nossos corpos, mas conscientes de que esses mesmos corpos pelos quais lutamos, nunca são somente nossos, afinal, como alerta Le Breton (2012), não temos um corpo, somos um corpo! E o corpo que somos tem sua dimensão invariavelmente pública e, portanto, são inexoravelmente dependentes de outros, fisicamente vulneráveis e precisam ser aceitos e respeitados em suas singularidades.

Desse modo, observamos a necessidade e a tentativa de criar espaços de relação humana, plenos de alteridade, em favor da agregação social, pela

disposição de partilhar bens, pelo cuidado com o bem comum. Redes de solidariedade nas quais, procurando vencer as desigualdades sem abandonar a luta pelo direito de autoconstituir-se, de forma intensiva, busca-se o reconhecimento e a inserção na cidade. Grupos que continuam lutando para salvaguardar seu território, para consolidar suas histórias de luta, resistência, autonomia e acesso aos serviços públicos, infraestrutura e emprego.

O surgimento e a atuação político-social da *Casa Nem* inspirou o surgimento de várias outras casas de acolhimento e capacitação para LGBTIs pelo Brasil afora, experiência que a tem tornado conhecida internacionalmente por meio de reportagens e documentários.



Projeto de Saúde, na *Casa Nem*, junto à Cruz Vermelha, 2017.

Assim, afetados pela transcartografia das experiências vividas na *Casa Nem*, mergulhamos no fluxo de um relato interrompido no apagamento das fronteiras entre os aspectos e dimensões legais, concretas, naturais ou materiais e as conjecturas poéticas, estéticas e afetivas. A escrita aqui se funde com as visualidades que as deflagraram. Aludimos às imagens de dor, exclusão e violência transfiguradas em êxitos, resiliência e solidariedade, em belezas acesas por dentro e por fora dos corpos que somos e não se interrompem na singularidade individual. Afirmamos, nesse breve registro, a dimensão infinita da epiderme humana que reveste os coletivos agregados pelos processos de exclusão e indigência e que dessa condição trágica produzem o que é impossível evitar: a poética existencial humanizadora da vida, na sua brevidade, como a verdadeira obra de arte que a todos deveria interessar.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- BARBOSA, Luiza Borges Ferraz. **As meninas entraram na Casa pra ficar**: corpos, marcas e narrativas: História(s) e disputas da Casa Nem. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://putaobservatoriotransvestigenere.com/encruzilhades/>> Acesso em: 07 jun. 2019.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.
- BRASIL, Presidência da República. **Decreto Nº 8.727**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm> Acesso em: 07 jun. 2019.
- BRASIL, Corregedoria Nacional de Justiça. **Provimento 73/2018**. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3503>>. Acesso em: 07 jun. 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel B. da. (Org.). **Michel Foucault - Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos & Escritos III, Tradução de Inês A. D. Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, pp. 411-422.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.
- GREEN, James N. O Pasquim e Madame Satã, a “rainha” negra da boemia brasileira. **TOPOI**. v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, p. 201-221.
- LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. **A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009 (pp. 59-80).
- SCHMITT, Ana; TURATTI, Maria; CARVALHO, Maria. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**. Ano V, N°10, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro, 2012 (pp.43-79).
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento; Justificando, 2017. 112p.
- VALLE, Lílian do. Para além do sujeito isolado: modelos antropológicos para pensar a educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 19 n. 57 abr. jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n57/v19n57a12.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2019.

Curriculum

Mariana Scarambone Jayanetti

Artista Multimídia formada em Belas Artes pela UFRJ, com pós-graduação em Técnicas de impressão pelo London Institute em Londres, Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pela UERJ. Atualmente cursando Doutorado em Arte, Cognição e Cultura.

Aldo Victorio Filho

Mestre e Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professor visitante da Facultad de Belles Arts da Universitat de Barcelona 2017/2018. Professor Associado; Coordenador do curso de Licenciatura em Artes Visuais; Docente do Programa de pós-graduação em Artes - PPGARTES e do Programa de pós-graduação em Educação - PROPED, ambos da UERJ.

Edivan Carneiro de Almeida

Professor no Ensino Médio na Secretaria de Educação da Bahia. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Especialista em Educação à Distância e graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia.
